



Destino torcido

por Robert Maia

Já era dia, a tempestade de areia que castigou aquela região por dias finalmente havia passado. O sol carmesim raiava inclemente no céu de Athas. Kahlil, por pouco não sucumbiu àquele terrível evento. Ele havia sido pego desprevenido pela tempestade, perdendo grande parte de seus mantimentos e

água no processo. Sua sorte parecia estar cada vez pior a cada aventura que empreendia.

Kahlil estava agora em uma situação desesperadora. Ele estava sozinho, sem água e sem comida. Ele sabia que a única maneira de sobreviver era encontrar um oásis ou outra fonte de água, mas não tinha ideia de onde poderia estar. Seus olhos percorreram a paisagem estéril à sua volta, procurando por qualquer sinal de vida ou de socorro.

Mas o que Kahlil não sabia era que ele não estava completamente sozinho. Uma figura encapuzada observava-o de uma colina distante, com interesse e curiosidade. Quem seria essa pessoa? E como eles poderiam ajudar Kahlil em sua situação desesperadora? Só o tempo iria dizer.

Kahlil sabia que precisava agir rápido. Se não encontrasse água em breve, suas chances de sobreviver seriam mínimas. Ele começou a caminhar em uma direção aleatória, tentando manter a esperança de que encontraria algo útil.

O sol queimava em sua pele, e a sede se tornava insuportável a cada passo. Kahlil mal podia acreditar em como sua má sorte parecia estar se intensificando. Em seus anos de aventura pelo deserto, ele nunca havia se encontrado em uma situação tão desesperadora.

Enquanto ele caminhava, a figura encapuzada continuava a observá-lo de longe. Kahlil não percebia a presença do estranho, mas sabia que estava sendo seguido, mas por um momento, a figura pareceu desaparecer de vista. Quando Kahlil se virou para procurá-lo novamente, ele não viu nada além de areia e pedra.

Mas então, de repente, Kahlil avistou algo à distância: uma palmeira solitária, erguida em meio à paisagem estéril. Ele correu em direção a ela, com o coração disparado de esperança. Quando chegou perto o suficiente, percebeu que a palmeira era apenas uma ilusão, uma peça pregada pelo calor, que distorcia sua visão e confundia sua mente. Era apenas um pedaço de madeira enfiado na areia.

Kahlil se sentou ao lado do pedaço de madeira, desanimado. Foi quando a figura encapuzada apareceu novamente. Ela se aproximou cautelosamente, sem dizer uma palavra. Kahlil olhou para ela com desconfiança, sem saber o que esperar. Tudo que conseguia ver era um manto e um escuro dentro do capuz tão escuro que parecia absorver qualquer raio de luz que penetrasse naquele espaço.

Então, a figura estranha entregou a Kahlil um cantil de água fresca e algumas frutas secas. Kahlil mal podia acreditar em sua sorte. Ele perguntou à estranha figura quem - ou o quê - ele era e o que estava fazendo ali, mas a criatura apenas sorriu misteriosamente, e foi apenas um sorriso que parecia irradiar luz que Kahlil conseguiu ver de dentro de seu manto totalmente escuro, e desapareceu no horizonte.



Kahlil se sentiu renovado, graças ao presente inesperado. Ele continuou a caminhar pelo deserto, com um novo senso de determinação. Ele sabia que nunca saberia quem era aquela figura, mas a presença do estranho permaneceria em sua mente por muito tempo depois de tê-lo deixado pelo deserto atrás de si.

Kahlil avançou pelo deserto por dois dias, com a sensação de que seu azar estava finalmente acabando. No entanto, sua sorte logo mudaria. Ele tropeçou em uma armadilha escondida, caindo em um buraco profundo e sofrendo uma queda dolorosa.

Kahlil tentou se levantar, mas suas pernas estavam machucadas. Ele olhou ao redor, procurando por uma saída, mas tudo o que viu foram paredes de pedra, erguidas para mantê-lo preso. Foi quando percebeu que a armadilha havia sido montada por uma tribo nômade rival.

Kahlil tentou gritar por ajuda, mas sua voz foi abafada pelo vento. A noite começou a cair, e ele percebeu que não tinha comida ou água suficientes para sobreviver por muito tempo. Ele se encolheu em um canto, tremendo de medo e incerteza.

Kahlil ficou preso na armadilha durante a noite, sem conseguir dormir direito por causa das dores em suas pernas. Mas com o primeiro raio de sol, ele começou a examinar cuidadosamente o buraco em que estava preso, buscando uma saída.

Ele percebeu que havia uma parte da parede que parecia mais fraca do que as outras. Ele começou a cavar com as mãos, removendo pedras e areia, tentando criar um túnel para sair do buraco, mas a areia que entrava pelo buraco que ele havia escavado não parava de entrar na armadilha. Ele pensou por um instante e começou a juntar com as mãos a areia que entrava em um dos cantos da armadilha. Depois de muito esforço, ele finalmente conseguiu juntar areia suficiente para atingir a borda da armadilha e, mesmo sentindo muita dor em suas pernas machucadas, juntou todo seu instinto de sobrevivência e finalmente conseguiu subir para a superfície, ofegante, suado e sangrando.

Ele olhou em volta, tentando se orientar e encontrar a direção certa para seguir, mas tudo que conseguia ver com seus olhos embotados de poeira eram dunas e dunas de areia. Mas, Kahlil estava tão aliviado por ter saído da armadilha que decidiu não se preocupar com isso e seguiu em frente, em busca de água e alimento.



Kahlil caminhava sem rumo pelo deserto, suas pernas machucadas ainda dóiam, e a sede que sentia era insuportável. Ele olhou ao seu redor, procurando qualquer sinal de água, mas tudo o que via era areia e pedras.

Cansado e desanimado, Kahlil decidiu se sentar à sombra de uma rocha para descansar um pouco. Foi quando ele notou um pequeno arbusto seco, com raízes que pareciam se estender profundamente no solo.

Curioso, Kahlil começou a cavar ao redor do arbusto, escavando a areia com as mãos. Ele continuou cavando até que encontrou uma pequena camada de solo úmido, escondida sob a superfície.

Ele ficou animado ao ver aquela pequena poça de água, e começou a cavar um pouco mais fundo, até que a água começou a brotar do solo. Kahlil se inclinou e bebeu a água fresca, sentindo-se revigorado.

Ele então encheu o cantil que o estranho lhe deu com a água e decidiu seguir em frente, na esperança de encontrar mais água e alimento. Apesar das dificuldades, a sorte parecia ter finalmente sorrido para ele.

Kahlil seguiu caminhando pelo deserto, agora um pouco mais esperançoso, sabendo que tinha encontrado água suficiente para durar três dias, se ele racionasse. Mas ele sabia que precisava encontrar um assentamento ou oásis em breve para conseguir mais suprimentos.

Sem uma bússola ou mapa, Kahlil se orientava pelos astros à noite, seguindo na direção em que o sol se punha. Ele caminhava por horas durante o dia, procurando sombra onde podia, e descansando durante a noite.

Mas, em um desses dias, Kahlil acabou caindo em um buraco. Ele se debateu, tentando sair, mas percebeu que o buraco era mais profundo do que ele imaginava. Quando ele finalmente conseguiu olhar em volta, percebeu que estava em uma espécie de caverna subterrânea.

Kahlil olhou em volta, com mais atenção, e ficou maravilhado. Percebeu que aquela caverna era parte de uma ruína antiga, uma cidade que havia sido esquecida pelo tempo, ou um templo, ou quem sabe? Ele começou a explorar as ruínas, maravilhado com as estruturas antigas e as esculturas estranhas. A falta de sorte que o havia seguido desde o início de sua jornada parecia ter desaparecido por um momento.

Mas Kahlil sabia que precisava sair dali antes que a noite chegasse. Ele começou a escalar a parede do buraco, tentando chegar à saída, mas sua falta de sorte o seguiu novamente, e ele acabou caindo novamente. A entrada da ruína colapsou, o deixando preso naquela ruína e sem saída aparente, trazendo a sensação ruim à sua mente de que aquele poderia ser seu fim e que ninguém jamais o encontraria ali. Ele estava desesperado, sem saber como sair dali, mas sabia que precisava encontrar uma maneira de sobreviver até que encontrasse uma forma de sair.

Com o tempo, Kahlil começou a explorar a caverna subterrânea onde estava preso. Ele se surpreendeu com a complexidade daquele lugar, com suas esculturas estranhas e construções antigas. Ele sabia que estava diante de algo importante, talvez um legado de uma civilização antiga que fora esquecida pelo tempo.



Kahlil sabia que a única maneira de sobreviver era encontrar comida e água. Ele se moveu pelo labirinto de túneis e salas, procurando por recursos e mantimentos. Mesmo com sua falta de sorte persistente, ele não perdeu a esperança de encontrar um caminho para sair dali. Por sorte, encontrou pelo chão uma adaga de obsidiana e então pensou em voz alta:

_ A sorte voltou!



Enquanto explorava a caverna subterrânea, Kahlil ouviu um barulho vindo de uma das salas adjacentes. Ele se aproximou com cautela, com sua nova companheira de obsidiana em mãos, mas o som desapareceu. Quando finalmente entrou na sala, ele viu uma mulher alta, esguia e graciosamente elegante em sua forma de se mover. Seus longos cabelos prateados são lisos como seda e caem até a cintura, enquanto suas orelhas pontudas revelam sua ancestralidade élfica. Seus olhos são de um azul profundo e brilhante, quase hipnotizantes, e transmitem sabedoria e mistério. Ela era de uma beleza incomum. Kahlil sentiu que ela emanava uma energia intensa, que ele não conseguia explicar para si mesmo.

Kahlil observou a figura da elfa se aproximando dele lentamente. Seus cabelos prateados brilhavam como a luz da lua e seus olhos azuis pareciam penetrar a alma dele. Ele empunhou a adaga com força, pronto para qualquer ataque, mas não conseguiu se mover quando ela o olhou.

_ Eu sabia que você chegaria até aqui. Não se preocupe, pode abaixar a arma, não vou te machucar se você não tentar me machucar. - Ela disse com sua voz suave e melodiosa.

Kahlil relaxou um pouco, mas ainda estava desconfiado.

_ Quem é você e o que você quer?

_ Meu nome é Eryndor, prazer em conhecê-lo. - Disse ela, estendendo a mão.

_ Eu sou uma mestre psionicista e guardiã deste lugar sagrado. Você está perdido, não está?

Kahlil assentiu, ainda um pouco nervoso, e sem entender muito bem o que significa ser uma mestre psionicista.

_ Sim, fui vítima de um azar e caí aqui. Não sei como sair.

A mulher olhou para Kahlil com curiosidade e ao ver seu estado deplorável, ofereceu-lhe ajuda. Kahlil ficou desconfiado, mas agradecido, aceitou a oferta. Kahlil e Eryndor caminharam juntos pelas ruínas, com a elfa liderando o caminho enquanto Kahlil seguia atrás dela, ainda um pouco desconfortável com a situação. Eryndor notou a tensão do humano e falou:

_ Não precisa ficar tão tenso, Kahlil. Eu já sabia da sua presença desde que você entrou nas ruínas.

Kahlil ficou impressionado com a habilidade da elfa e começou a se sentir mais à vontade. Eryndor continuou a guiá-lo pelas ruínas, explicando brevemente sobre a história daquele lugar até que chegassem onde Eryndor havia estabelecido sua morada.

Ao chegar na morada de Eryndor, ela disse a Kahlil:

_ Não se preocupe, vou ajudá-lo a sair. Mas primeiro, você deve se acalmar e descansar. Você parece exausto e desidratado.

Kahlil concordou, percebendo que ela estava certa. Ela cuidou de seus ferimentos, fazendo ele se recuperar como se fosse mágica. Ele se sentou e bebeu a água que ela lhe ofereceu, e comeu a comida que ela lhe deu. Uma comida que ele nunca havia provado antes. Depois de descansar um pouco, ele finalmente se sentiu melhor e mais disposto.

_ Obrigado por me ajudar. - Disse Kahlil, ainda um pouco envergonhado por sua desconfiança inicial.

_ Como você sabe que eu estava aqui?

Eryndor deu um sorriso enigmático.



_ Eu sou uma mestre psionicista, posso sentir a presença das pessoas ao meu redor. Mas eu não preciso se preocupar, sua presença aqui não é uma ameaça. Na verdade, você pode me ser útil.

Kahlil ficou intrigado e o sorriso de Eryndor o fez se lembrar do estranho do deserto.

_ Como assim posso ser útil?

Eryndor então disse a ele:

_ Este lugar é sagrado para a minha tribo e contém segredos antigos. Eu tenho procurado por alguém que possa me ajudar a encontrar um artefato muito importante. Talvez você seja essa pessoa.

Eryndor é sábia e paciente, e sempre está disposta a ajudar quem precisa. Ela é muito reservada sobre sua vida passada, mas com Kahlil, ela se abriu um pouco e contou algumas histórias sobre o templo e sobre sua própria vida.

Kahlil ficou animado com a possibilidade de descobrir algo novo e emocionante. Ele concordou em ajudá-la e juntos explorarem as ruínas antigas.

Durante mais algum tempo, Eryndor lhe contou histórias fascinantes sobre sua vida longa e sobre o templo antigo que uma vez existiu ali. Ela lhe explicou que o templo pertencia aos psionicistas, que podiam controlar o mundo ao seu redor com o poder da mente. Kahlil ficou fascinado com a história e com a habilidade da elfa. E ouvindo as fabulosas histórias Kahlil adormeceu.



Passadas algumas horas, Kahlil despertou de seu sono, e percebeu que Eryndor estava acordada, mas parecia estar em transe. Poucos instantes depois, ela saiu de seu transe e resolveram que era hora de partir em busca daquilo que realmente importava.

Kahlil queria saber mais sobre a elfa. Enquanto eles conversavam mais, Eryndor contou a ele que ela tem mais de cem anos de idade, e desde muito jovem, mostrou um grande talento para o uso da claresciência e outras habilidades psíquicas. Ela aprendeu com alguns dos melhores mestres psionicistas de Athas, tanto humanos quanto elfos, e se tornou uma das mais habilidosas usuárias desta disciplina, na habilidade de ler as memórias e histórias dos objetos, além da telepatia.

Eryndor foi uma das poucas sobreviventes do antigo templo que um dia existiu naquele local. Ela se escondeu nas cavernas subterrâneas quando o templo foi destruído e aprendeu a viver sozinha, sobrevivendo com sua habilidade psíquica. Ela não teve muitos contatos com outros seres, mas quando Kahlil apareceu em sua vida, ela viu nele uma chance de procurar pela relíquia mais importante de seu povo, o colar da lua sangrenta.

Kahlil ficou curioso sobre o colar:

_ Por que este colar é tão importante para você?

Eryndor explicou:

_ O artefato é um colar sagrado. Ele é muito importante para nossa tribo, já que as tempestades são frequentes em nossa região e podem ser devastadoras.

Kahlil ficou intrigado com a história do colar e perguntou:

_ Como você sabe que ele está aqui? E por que acha que eu posso ajudar?

Eryndor sorriu misteriosamente e respondeu:

Eu tenho minhas fontes, e acho que você pode nos ajudar porque tem um talento incomum para encontrar coisas. Acho que podemos nos ajudar mutuamente.

Kahlil assentiu com a cabeça e seguiram em frente. As ruínas eram perigosas e cheias de armadilhas, mas Eryndor parecia saber exatamente como evitá-las.

Kahlil e Eryndor avançaram com cautela pelas ruínas, mantendo as mentes alertas para quaisquer sinais de perigo. O ar úmido e a escuridão os cercavam. À medida que se aproximavam de uma grande câmara, eles ouviram sons estranhos vindo das profundezas abaixo.

De repente, o chão tremeu sob seus pés enquanto três criaturas emergiram do subterrâneo. Eram seres humanoides com pele cinza, olhos brilhantes e garras afiadas como lâminas. Kahlil rapidamente sacou sua arma e os dois se prepararam para lutar.

As criaturas se lançaram sobre eles com selvageria, saltando das sombras e atacando com ferocidade. Kahlil se esquivou das garras afiadas, enquanto Eryndor usava seus poderes psíquicos para atordoar as criaturas e afastá-las.

Eryndor levantou a mão, e de repente, as criaturas começaram a se contorcer de dor, enquanto ela usava suas habilidades psiônicas para incapacitá-los. Kahlil aproveitou a oportunidade para atacar os inimigos com sua adaga, enquanto Eryndor mantinha as criaturas sob controle. Após uma luta intensa e brutal, Kahlil e Eryndor conseguiram prevalecer graças à sua habilidade em combate e à destreza da elfa em usar seus poderes psíquicos. No final, as criaturas foram derrotadas e Kahlil e Eryndor continuaram sua jornada, agora ainda mais cautelosos do que antes.



A dupla atravessou a grande câmara e continuou por um corredor no outro extremo da câmara. Com cuidado e atenção, Kahlil e Eryndor seguiam pelos corredores escuros da ruína, sempre atentos a cada ruído e movimento. A cada passo que davam, o ar ficava mais rarefeito, o teto do corredor mais baixo, e a escuridão ao seu redor parecia se intensificar. O corredor já não era mais um corredor, mais parecia um túnel escavado.

Num determinado ponto, o corredor aumentava abruptamente, com paredes bem trabalhadas, largo e alto. De repente, uma criatura enorme saltou das sombras e atacou Kahlil. Com suas garras afiadas, a criatura cortou profundamente sua perna, e ele caiu no chão, gritando de dor.

Eryndor agiu rapidamente, usando seus poderes psíquicos para empurrar a criatura para longe e criando uma barreira protetora ao redor deles. A criatura tentava de todas as formas atingir os dois, mas de repente, um bloco do teto caiu e atingiu em cheio a cabeça da criatura, matando-a com um só golpe. Aquela pedra parecia tão firme, pensou Kahlil. Em seguida ele compreendeu o que havia acontecido e olhou para a elfa com gratidão e admiração.

Juntos, continuaram a avançar pela ruína, Agora com muito mais atenção que antes. A tensão tomava conta de Kahlil, mas a aparência de Eryndor era serena, mas não despreocupada ou displicente.



Finalmente, Kahlil e Eryndor chegaram a uma sala escura e empoeirada. No centro, havia um pedestal onde incidia uma luz parecida com a do sol, mas impossível de determinar sua fonte. Esta luz iluminava uma jóia belíssima, algo de tamanha beleza que deixou Kahlil completamente hipnotizado.

O colar é composto de uma corrente fina de prata, adornada com pequenos cristais de obsidiana e ônix, que se entrelaçam delicadamente em torno do pescoço de quem o usa. No centro do colar, há um pedaço de cristal de quartzo vermelho, polido e lapidado em forma de lua crescente, que brilha intensamente sob a luz do sol.

A lua crescente do colar parece estar em constante mudança, variando em tamanho e cor dependendo da luz que incide sobre ela. Às vezes, é um vermelho sangrento profundo, enquanto em outras ocasiões, tem um tom mais suave e esmaecido de rosa. O cristal de quartzo é cercado por pequenas gotas de prata que parecem sangue, criando uma imagem impactante, bela e assustadora.

Kahlil ficou maravilhado com o objeto, mas Eryndor ficou tensa e alertou-o:

_ Cuidado, Kahlil. Há algo errado aqui.

Após encontrar o Colar da Lua Sangrenta, Kahlil e Eryndor foram atacados por uma criatura feroz que guardava o artefato. A criatura era uma mistura de crocodilo e escorpião, com mandíbulas poderosas e garras afiadas. Seus olhos amarelos brilhavam com uma fúria insana enquanto avançava em direção da dupla.

Kahlil sacou sua adaga enquanto Eryndor se concentrou, invocando seus poderes psíquicos. A criatura investiu contra Kahlil, que desviou habilidosamente do ataque e desferiu um golpe preciso em sua barriga. No entanto, a criatura parecia imune à sua lâmina afiada e continuou atacando com ainda mais fúria.

Eryndor então usou seus poderes psíquicos para lançar a criatura para trás, mas ela se levantou rapidamente e partiu para o ataque novamente. Kahlil recuou para tentar ganhar espaço para atacar, mas a criatura era rápida e implacável. Em um momento de distração, a criatura avançou sobre Kahlil e o derrubou, prendendo-o em suas mandíbulas poderosas.

Eryndor, vendo seu companheiro em perigo, concentrou seus poderes e lançou uma explosão psiônica na criatura. A força do impacto atordoou a criatura, fazendo-a soltar Kahlil. Kahlil, aproveitando a oportunidade, saltou e desferiu um golpe final com sua adaga, ferindo de morte a criatura.

Exaustos e feridos, os dois finalmente conseguiram pegar o Colar da Lua Sangrenta. Mesmo com a vitória sobre a criatura, eles sabiam que ainda corriam perigo ali, e que tinham que sair logo daquele lugar, antes que algum perigo mais mortal aparecesse.

Eryndor colocou o colar em suas mãos espalmadas e disse a Kahlil:

_ Este é o Colar da Lua Sangrenta. - Disse ela, olhando para Kahlil com seriedade.

_ Ele é um objeto de grande poder e significado em Athas. Precisamos levá-lo para um local seguro, antes que caia nas mãos erradas.

Eryndor explicou para Kahlil que o Colar da Lua Sangrenta é uma relíquia antiga que foi criada há muitos séculos em Athas.



Diz-se que o Colar da Lua Sangrenta é um poderoso amuleto que concede ao usuário habilidades incomuns e sobrenaturais, como a capacidade de controlar a mente dos outros ou mesmo de prever o futuro. No entanto, também é dito que aqueles que se apossam do colar estão condenados a uma vida de infortúnio e azar. Muitos acreditam que o colar é amaldiçoado e que sua verdadeira natureza é sombria e maligna. Outros dizem que ele tem o poder de controlar as tempestades de areia.

Eryndor então pegou o colar e o colocou em um tipo de bolsa amarrada em sua cintura, que estranhamente se tornou invisível depois dela colocá-lo ali dentro.



Juntos, Kahlil e Eryndor deixaram a ruína. Quando finalmente emergiram na superfície, o sol escaldante de Athas já estava se pondo no horizonte.

_ Obrigada por sua ajuda, Kahlil. - Disse Eryndor, sorrindo para ele.

_ Sem você, eu nunca teria encontrado o Colar da Lua Sangrenta.

Kahlil sorriu de volta, sentindo uma mistura de orgulho e gratidão por ter ajudado a elfa em sua missão. Eryndor virou-se para o novo amigo e disse:

_ Não precisa vagar sozinho pelo deserto, se quiser, pode vir comigo. Posso lhe ensinar os caminhos da mente.

Kahlil, em sua simplicidade, agradeceu a oferta e ficou feliz grato por ter conhecido a elfa psionicista e por ter encontrado um novo propósito em sua vida: ajudar pessoas em buscas pelo deserto. Eryndor ficou triste por ele ter que fazer um caminho diferente, mas era seu destino, ela não deveria mudar o curso das coisas. Mas em seguida, ela ficou feliz por ter encontrado um aliado em sua busca para proteger sua tribo das tempestades de areia.

_ Desejo-lhe sorte nesse mundo, Kahlil. - Disse a elfa.

_ O mesmo a você, minha amiga Eryndor. Espero que sempre sejas minha sorte nos momentos de desesperança. Até um outro dia!

E Kahlil seguiu com a elfa por algumas dezenas de metros em direção a Gulg, e logo seus caminhos se separaram. A presença da elfa foi esmaecendo e ela sumiu por completo.

_ Um dia a gente ainda se encontrará novamente, meu amigo. - Ouviu Kahlil na voz de Eryndor, bem no fundo de sua mente.

_ Certamente minha amiga, certamente. - Murmurou ele para si.

Fim